

Leonardo Boff

É teólogo e filósofo

▄ Temos que tentar tudo, para não chegarmos tarde demais ao verdadeiro caminho que nos poderá salvar. Esse caminho passa pelo cuidado, pela sustentabilidade, pela responsabilidade coletiva e por um sentido espiritual da vida. O futuro passa por esta utopia. Seus albos já se anunciam

Sonho de uma civilização realmente planetária

Em parte, o desamparo atual, que toma conta de grande parte da humanidade, deriva de nossa incapacidade de sonhar e de projetar utopias. Não qualquer utopia. Mas aquelas necessárias, que podem se transformar em “topias”, quer dizer, em algo que se realiza, ainda que imperfeitamente, nas condições de nossa história. Caso contrário, nosso futuro comum, o futuro da vida e da civilização, corre graves riscos.

Temos, portanto, que tentar tudo, para não chegarmos tarde demais ao verdadeiro caminho que nos poderá salvar. Esse caminho passa pelo cuidado, pela sustentabilidade, pela responsabilidade coletiva e por um sentido espiritual da vida. Valho-me das palavras inspiradoras de Oscar Wilde, o conhecido escritor irlandês, que disse, acerca da utopia: “Uma mapa do mundo que não inclua a utopia não é digno sequer de ser espiado, pois ignora o único território em que a humanidade sempre atraca, partindo, em seguida, para uma terra ainda melhor... O progresso é a realização de utopias.”

Pertence ao campo da utopia projetar cenários esperançadores. Vamos apresentar um, de Robert Müller, que por 40

anos foi um alto funcionário da ONU, chamado também de “cidadão do mundo” e “pai da educação global”. Era um homem de sonhos, um deles realizado ao criar e ser o primeiro reitor da Universidade da Paz, criada em 1980 pela ONU em Costa Rica, único país do mundo a não ter exército.

Ele imaginou um novo relato do Gênesis bíblico: o surgimento de uma civilização realmente planetária, na qual a espécie humana se assume como espécie, junto com outras, com a missão de garantir a sustentabilidade da Terra e cuidar dela, bem como de todos os seres que nela existem. Eis o que ele chamou de “Novo Gênesis”:

“E Deus viu que todas as nações da Terra, negras e brancas, pobres e ricas, do Norte e do Sul, do Oriente e do Ocidente, de todos os credos, enviavam seus emissários a um grande edifício de cristal às margens do rio do Sol Nascente, na ilha de Manhattan, para juntos estudarem, juntos pensarem e juntos cuidarem do mundo e de todos os seus povos.

E Deus disse: “Isso é bom”. E esse foi o primeiro dia da Nova Era da Terra.

E Deus viu que os soldados da paz

separavam os combatentes de nações em guerra, que as diferenças eram resolvidas pela negociação e pela razão e não pelas armas, e que os líderes das nações encontravam-se, trocavam ideias e uniam seus corações, suas mentes, suas almas e suas forças para o benefício de toda a humanidade.

E Deus disse: “Isso é bom”. E esse foi o segundo dia do Planeta da Paz.

E Deus viu que os seres humanos amavam a totalidade da Criação, as estrelas e o Sol, o dia e a noite, o ar e os oceanos, a terra e as águas, os peixes e as aves, as flores e as plantas e todos os seus irmãos e irmãs humanos.

E Deus disse: “Isso é bom”. E esse foi o terceiro dia do Planeta da Felicidade.

E Deus viu que os seres humanos eliminavam a fome, a doença, a ignorância e o sofrimento em todo o globo, proporcionando a cada pessoa humana uma vida decente, consciente e feliz, reduzindo a avidez, a força e a riqueza de uns poucos.

E Deus disse: “Isso é bom”. E esse foi o quarto dia do Planeta da Justiça.

E Deus viu que os seres humanos viviam em harmonia com seu planeta e em paz com os outros, gerenciando seus recursos com sabedoria, evitando o desperdício, refreando os excessos, substituindo o ódio pelo amor, a avidez pela satisfação, a arrogância pela humildade, a divisão pela cooperação e a suspeita pela compreensão.

E Deus disse: “Isso é bom”. E esse foi o quinto dia do Planeta de Ouro.

E Deus viu que as nações destruíam suas armas, suas bombas, seus mísseis, seus navios e aviões de guerra, desativando suas bases e desmobilizando seus exércitos, mantendo apenas policiais da paz para proteger os bons dos violentos e os sensatos dos insanos.

E Deus disse: “Isso é bom”. E esse foi o sexto dia do Planeta da Razão.

E Deus viu que os seres humanos instauravam Deus e a pessoa humana como o Alfa e o Omega de todas as coisas, reduzindo instituições, crenças, políticas, governos e todas as entidades humanas a simples servidores de Deus e dos povos. E Deus os viu adotar como lei suprema: “Amarás ao Deus do Universo com todo o teu coração, com toda tua alma, com toda tua mente e com todas as tuas forças; amarás teu belo e esplendoroso planeta e o tratarás com infinito cuidado; amarás teus irmãos e irmãs humanos como amas a ti mesmo. Não há mandamentos maiores que estes”.

E Deus disse: “Isso é bom”. E esse foi o sétimo dia do Planeta de Deus”.

Se na porta do inferno de Dante Alighieri estava escrito: “Abandonai toda a esperança, vós que entrais” na porta da nova civilização, na era da Terra e do mundo planetizado, estará escrito em todas as línguas que existem na face da Terra: “Não abandoneis jamais a esperança, vós que entrais”.

O futuro passa por esta utopia. Seus albos já se anunciam.

Luzia Toledo

É deputada estadual (PMDB) e presidente da Comissão de Cultura e Comunicação da Assembleia Legislativa

E-mail: luziatoledo@al.es.gov.br

▄ O Projeto Estrada Real promoveu o reencontro do Espírito Santo com sua própria história

Rota Imperial: força ao turismo e ao agronegócio

Um importante passo para o turismo e o agronegócio foi dado pelo governo do Estado e a Findes: a sinalização e demarcação da Rota Imperial São Pedro de Alcântara. E diante do Palácio Anchieta foi encravado o marco zero. Outros 384 totens foram instalados ao longo dos 301 quilômetros que compreendem o lado capixaba da Rota Imperial. Ela começa na Capital, atravessa 14 municípios no Espírito

Santo e 17 em Minas Gerais, finalizando na cidade mineira de Ouro Preto.

Além disso, mais 54 placas de sinalização indicam os municípios capixabas que formam a rota, reconhecida pelo Instituto Estrada Real após empenho pessoal meu, do historiador João Eurípedes Franklin Leal (que mapeou a rota) e, principalmente, do governo do Estado.

O instituto gerencia a Estrada Real, o

maior projeto turístico da América Latina. É desenvolvido ao longo dos chamados caminhos reais, abertos no século XIX por ordem do rei de Portugal D. João VI. Eram conhecidos o Caminho Velho, o Caminho Novo e a Rota dos Diamantes. Os professores João Eurípedes, Leonor Araújo e Eberhard Hans Aichinger, coordenador da implantação da rota, foram parceiros incansáveis para que nossa Rota Imperial fosse reconhecida.

O trabalho rendeu ao nosso Estado a inclusão no Projeto Estrada Real, que incrementa o turismo, fomenta o agronegócio, planta desenvolvimento nas cidades que atravessa. Promoveu, ainda, o reencontro do Espírito Santo com sua própria história, uma vez que a rota estava

esquecida, nem sequer era reconhecida.

Parabéns à nossa Findes, que abraçou de pronto a Rota Imperial, gerenciando todo o processo com competência e comprometimento. Parabéns à Secretaria de Estado do Turismo, que encampou a ideia e possibilitou o pleno desenvolvimento do projeto.

À frente da Comissão de Cultura e Comunicação da Assembleia, dei meu apoio e empenho pessoal para que o projeto chegasse até aqui. Intermediei junto ao Ministério do Turismo a liberação de R\$ 500 mil para que fosse feito o mapeamento da Rota Imperial. Esse apoio e empenho serão mantidos, até alcançarmos o pleno desenvolvimento que a Rota Imperial pode proporcionar às cidades que atravessa.